

6.

Considerações finais

6.1

Entendendo os entendimentos construídos por mim

Numa passagem de *Cultura e Valor* (2000a), Wittgenstein discorre brevemente acerca dos lugares de chegada:

Poderia dizer: se o lugar a que pretendo chegar só se pudesse alcançar por meio de uma escada, desistiria de tentar lá chegar. Pois o lugar a que de fato tenho de chegar é um lugar em que já me devo encontrar. Tudo aquilo que se pode alcançar com uma escada não me interessa. (CV, p. 21)

Uma leitura apressada talvez nos dê a impressão de que o filósofo está a negar o valor da reflexão ou a possibilidade de conhecermos algo. Na verdade, penso que nesse texto bastante curto ele consegue comunicar parte daquilo que acredita ser a tarefa da filosofia. Como já foi enfatizado por mim, o trabalho do filósofo não seria subir a alturas cada vez maiores, ou seja, não cabe em filosofia uma ideia de ‘evolução’, como se o que precisasse ser conhecido estivesse num lugar inalcançável. O trabalho que cabe à filosofia é, na verdade, nos deixar onde estamos, pois é nesse lugar que se encontram os inúmeros ‘nós’ que precisamos desfazer. Esse lugar é, precisamente, a nossa linguagem. Por isso, Wittgenstein desenvolve seu texto de maneira tão peculiar, dando a impressão de estar sempre dando voltas em torno das mesmas idéias. O que ele busca são diferentes maneiras de enxergar o mesmo objeto:

Cada uma das frases que escrevo procura exprimir tudo, isto é, a mesma coisa repetidas vezes; é como se elas fossem simplesmente visões de um mesmo objeto, obtidas de ângulos diferentes. (CV, p. 21)

Dito isso, penso que os objetivos aos quais me propus no início desse trabalho tentam espelhar, de alguma maneira, a ‘inclinação’ dessa perspectiva filosófica. Procurei olhar meu ‘objeto’ através da ‘lente’ da filosofia de Wittgenstein, construindo, dessa maneira, um entendimento acerca do mesmo que pudesse ser profícuo, no sentido de gerar novos entendimentos e fomentar outras discussões sobre o tema. A tese que ora apresento, longe de ser um ‘produto’ final e acabado é a parte material desse meu processo de reflexão que, com certeza, não se encerra aqui. Na busca por entender meu *puzzle* inicial, fiz algumas perguntas e agreguei umas tantas outras no decorrer do caminho. Creio, portanto, que o que ofereço neste estudo não configura uma ‘resposta’ a um ‘problema’.

Aprendemos algumas lições valiosas ao nos acercarmos da filosofia wittgensteiniana. Creio que a que melhor se coaduna com o pensamento exploratório seria a de que olhar aquilo que pensamos ser um ‘problema’ por outro ângulo pode nos mostrar que tal problema pode nem mesmo ser ‘real’. O método terapêutico da filosofia wittgensteiniana, aplicado originalmente às questões linguagem, também mostra ter valor quando trazido para outras instâncias humanas. A disposição de obter uma visão clara das questões que nos intrigam ou nos paralisam, parece ser a contribuição mais relevante desse ‘diálogo’ da perspectiva filosófica com a pedagógica, pois, como diz Oliveira (2004, p. 345), com essa disposição em mente, teríamos uma *dissolução*, e não uma *resolução* de problemas. Na verdade, poderíamos descobrir que boa parte daquilo que chamamos de ‘problemas’ são, de fato, enredamentos que tem sua gênese nas confusões linguísticas.

Tendo recorrido no início deste trabalho acerca do meu percurso como aluna de doutorado e das razões que me levaram a embarcar na presente pesquisa, tenho diante de mim o ponto em que devo avaliar o lugar ao qual cheguei. Para isso, descrevo o caminho que percorri até aqui.

No capítulo 2, como pano de fundo às questões tratadas nesse estudo, tracei o percurso da Prática Exploratória e suas relações com a pesquisa em sala de aula no cenário da Linguística Aplicada. Mostrei que o foco da pesquisa transformou-se aos poucos e no lugar do viés prescritivo puro e simples, procurou-se adotar uma visada mais descritiva no trato das questões pedagógicas, o que não foi alcançado plenamente, pois ainda se buscava ‘melhorar’ a atuação dos professores. Posteriormente, passou-se a reconhecer a complexidade do cenário pedagógico e as limitações das abordagens tradicionais, o que possibilitou o surgimento de uma maneira mais ‘orgânica’ de se

encarar as situações de sala de aula. A Prática Exploratória surgiu trazendo em seu bojo o comprometimento com a qualidade de vida dentro e fora da sala de aula, através daquilo que Allwright chama de ‘trabalho pelo entendimento’. Pela sua relevância para se entender o trabalho exploratório e a mudança que ele opera no horizonte da pesquisa pedagógica, elegi essa noção como o foco do presente estudo.

No capítulo 3, apresentei certas questões preliminares que seriam importantes para criar uma ‘moldura’ para os conceitos necessários à ‘terapia’ aqui proposta. Comecei por situar a filosofia wittgensteiniana no campo do debate entre ceticismo e imanentismo, mostrando que a visada wittgensteiniana propõe, através da adoção de **critérios**, um desafio, tanto ao ceticismo e ao relativismo, quanto a uma possível propensão metafísica. Logo depois, passei falar da caracterização wittgensteiniana da corrente essencialista na filosofia, chamada em sua obra de **visão agostiniana de linguagem** (e seus desdobramentos).

No capítulo 4, apresentei um recorte dos conceitos da segunda filosofia de Wittgenstein necessários para que o trabalho terapêutico pudesse ser levado a cabo. Continuei selecionando do arcabouço da perspectiva filosófica aqui em foco alguns conceitos de maior relevância, tais como os **jogos de linguagem, formas de vida**, as noções de **explicação, representação perspicua** e **percepção de aspectos**, a questão da **necessidade contingente** e, finalmente, a noção de **entendimento**.

Quanto ao **entendimento**, comecei traçando um histórico desse conceito no discurso filosófico, destacando o fato de que, ainda hoje, subsiste em nosso discurso a visão do *entendimento* como um fenômeno interno, visão essa combatida por Wittgenstein, entre outros aspectos. Ressaltei que para o filósofo, o uso que fazemos da palavra entendimento deixa à vista a ‘patologia’ presente em nossa linguagem e como, por esse motivo, Wittgenstein propõe reconduzir o conceito ao seu lugar em nossas práticas linguísticas, que não são mais ou menos determinadas que as outras práticas humanas. Para isso, a filosofia wittgensteiniana lança mão das noções de **semelhança de família** e de **jogos de linguagem**. Procurei dar destaque ao fato de que, para o segundo Wittgenstein, entender uma palavra é uma **habilidade** e que os critérios para se aferir o entendimento são a maneira como damos o próximo lance no jogo de linguagem, a maneira como explicamos aquilo que entendemos e o *uso* que fazemos das palavras em nossos jogos de linguagem.

No capítulo 5, propus uma reflexão dos textos exploratórios seminais, contando com o aporte conceitual da perspectiva wittgensteiniana de linguagem. Busquei construir a

identidade da noção de **entendimento**, cuidando para não cair em ‘armadilhas’ conceituais, que são fruto, talvez, de nossa inclinação irrefreável a uma ‘ânsia pela generalidade’, conforme nos alerta o próprio Wittgenstein. Sendo assim, primeiramente situei essa noção no contexto exploratório, para depois definir os critérios ajudam a defini-la. Levantei, primeiramente, alguns temas que se articulam com a mesma, dentre eles, os que apontam para o entendimento como um *agir* em grupo. Falei brevemente sobre a importantíssima noção exploratória de *qualidade de vida*. A seguir, com base nos textos apresentados, caracterizei a noção de entendimento como uma *condição permanente* e não como *evento* ou *processo mental*. Mostrei também como o entendimento é um termo governado por regras de uso na linguagem. A seguir, retomando a seção 5.1, aprofundei a ideia de que *entender* na Prática Exploratória é algo que pode ser aferido com base nas atuações dos membros da comunidade exploratória.

Como ponto de divergência com a filosofia de Wittgenstein, mostrou-se que, para o pensamento exploratório, nem sempre é possível comunicar ou explicar o que se entendeu, o que se revela incoerente em face de certos excertos apresentados. Importante é ressaltar que, com base nos conceitos wittgensteinianos, toma-se por certa a afirmação de que os **critérios** usados para ‘ancorar’ a noção de entendimento no contexto exploratório têm sua estabilidade definida pelas práticas daquele grupo. Os critérios, portanto, nos colocam frente a frente com nossa humana natureza, pois trazem para o campo teórico a constatação de que não temos mais certezas na linguagem do que temos em outras áreas de nossas vidas.

6.2

Construindo entendimentos futuros

Ao chegar ao final dessa longa jornada, após ter compartilhado as reflexões as quais cheguei, faz-se necessário situar a contribuição da presente pesquisa, apontar limitações e propor possíveis futuros caminhos que levarão a novos entendimentos.

Começo por dizer que, devido ao escopo desse trabalho, muitas questões puderam ser apenas tangenciadas. A própria noção de entendimento, pela sua densidade e abrangência, com certeza, convoca outras reflexões. O que pretendemos aqui foi

oferecer um olhar a partir de um ponto de observação. Acredito firmemente que a filosofia wittgensteiniana me proporcionou um ponto de observação privilegiado. Ter me apropriado dos conceitos de Wittgenstein para balizar minha análise significou ter a certeza de não estar ‘descobrimo’ nenhum dado ‘novo’, mas de esta tentando ‘despir’ meu olhar para ter uma visão mais clara da minha questão.

Dentre as questões que convocam outras reflexões teóricas na Prática Exploratória, destaco as noções de *qualidade de vida* e de *progresso*, as quais são caracterizadas nos textos como de alta complexidade e que oferecem, na minha opinião, uma firme resistência a qualquer abordagem essencialista na tarefa de defini-las. Igualmente, penso que a questão dos entendimentos ‘indizíveis’ também requer um estudo à parte.

Penso que meu trabalho cumpriu os propósitos aos quais se propôs. Acredito que o mesmo presta sua contribuição ao debruçar-se sobre uma noção de grande relevância para a Prática Exploratória, vindo o mesmo juntar-se aos discursos acadêmicos que têm sido construídos acerca dessa perspectiva pedagógica. Por ser relativamente recente, ainda há que se consolidar o discurso acerca da Prática Exploratória e desencorajar as visões que enxergam nela mais uma ‘moda passageira’ ou mais um ‘método’ de ensino. O campo, portanto, é extenso e fértil.

Gostaria de fechar a presente pesquisa refletindo acerca de dois excertos. Em primeiro lugar, uma passagem de Wittgenstein:

Na filosofia, o vencedor da corrida é aquele que consegue correr mais lentamente.
Ou: o último a atingir a meta. (CV, 2000a, p. 58)

As palavras do filósofo sobre sua maneira de encarar a filosofia me parecem adequadas se trazidas para o contexto deste trabalho. Aquilo que realmente importa no trabalho de pensar, de acordo com Wittgenstein, é o processo em si, o caminho que percorremos e como fazemos isso. Penso que devemos aproveitar a ‘corrida’ em todos os seus momentos, não esquecendo que há uma meta a ser atingida, mas que ela não deve ser, na verdade, a nossa razão de continuar seguindo. Acredito que o trabalho do pesquisador deve pautar-se pelo mesmo espírito.

Finalmente, nas palavras de um de meus poetas favoritos, Manoel de Barros (2004), encontro o justo arremate para esse estudo, o qual foi para mim, tão terapêutico quanto a ideia wittgensteiniana de filosofia. Uma terapia pela palavra, com toda certeza:

A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem a ponto que ela expresse nossos mais fundos desejos.